

**UM SOLFIERI EM “AMORTEAMO”: UMA ANÁLISE  
COMPARATIVA DO GOTICISMO FÚNEBRE PRESENTE  
NA PERSONAGEM DE “NOITE NA TAVERNA”  
E EM GABRIEL, DA MINISSÉRIE TELEVISIVA**

*Kayron Kaic da Silva Sousa* (UEMASUL)

[kayronnkaic@gmail.com](mailto:kayronnkaic@gmail.com)

*Gabriel Alves da Silva* (UEMASUL)

[gabralviz@gmail.com](mailto:gabralviz@gmail.com)

*Gilberto Freire de Santana* (UEMASUL)

[gilbertofreiredesantana@hotmail.com](mailto:gilbertofreiredesantana@hotmail.com)

**RESUMO**

Partindo do que afirma o teórico Lovecraft (1987): “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”, o presente artigo tem por intento analisar, a partir da Literatura Comparada, a construção intertextual e o dialogismo presente entre a personagem Solfieri, do conto de mesmo nome de “Noite na taverna”, do escritor Álvares de Azevedo (1855); e a personagem Gabriel, da obra televisiva “Amorteamo” (TV Globo, 2015). Desse modo, procura-se encontrar semelhança em ambas as personagens, utilizando-se das características do ambiente onde vivem, dos relacionamentos e acontecimentos vividos por cada um, além das personalidades, bem como as características fúnebres, lutuosas e ultrarromânticas. Assim, esta pesquisa evidencia os diálogos intertextuais presentes em uma obra literária do século XIV e uma obra televisiva de 2015, tornando possível um estudo significativo da linguagem gótica, tão aborda na segunda geração romântica.

**Palavras-chave:**

Morte. Ultrarromantismo. Literatura e Televisão.

**ABSTRACT**

Stem from what Lovecraft has said (1987): “The oldest and strongest emotion of mankind is fear, and the oldest and strongest kind of fear is fear of the unknown”, the present article attempts to analyze, through the Comparative Literature, the intertextuality and the dialogism between Solfieri from the short story “Solfieri” in the book “Noite na Taverna”, written by Álvares de Azevedo (1855); and Gabriel, from the TV series named “Amorteamo” (TV Globo, 2015). Therefore, it seeks to find similarities between them, analyzing their environment, their relationships, and the past events they lived. Besides, it analyses their personalities, mournful, and ultra-romantic characteristics. Thus, this paper evinces the intertextuality present in a literary work from the fourteenth century and a TV series, enabling a significant study of the gothic language, addressed in the second romantic generation in Brazil.

**Keywords:**

Death. Ultra-romantic. Literature and Television.

## **1. Introdução**

Analisar uma obra literária é uma atividade enriquecedora na formação educacional, visto que se trata, também, do ato de ampliar o modo de perceber as realidades e as formas de expressão humana. E um desses modos de analisar, questionar, justificar elementos presentes em uma obra literária é por meio da Literatura comparada.

Contudo, limitar-se a ideia de que comparar uma obra literária só é possível a partir de uma outra obra literária é regressar nos estudos. Acerca disso, Carvalho (2006) em sua obra, *Literatura Comparada*, traz elementos históricos da possibilidade de confrontar uma obra literária a uma outra forma de expressão humana.

Dessa forma, o presente artigo tende a comparar analiticamente o segundo conto, intitulado “Solfieri”, da coletânea de contos da obra “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo, com a obra televisiva de cinco episódios, produzida pela Rede Globo em 2015, chamada “Amor-teamo”.

Propõe-se, portanto, a partir da Literatura comparada analisar a construção dialógica presente entre a personagem Solfieri de Álvares de Azevedo com a personagem Gabriel de “Amor-teamo”. Além disso, procura-se encontrar as semelhanças a partir da análise dos ambientes, das relações mantidas durante as narrações, dos acontecimentos vividos, bem como as características fúnebres, lutuosas e ultrarromânticas. Dessarte, apropria-se da mesma forma do estudo gótico e do goticismo, para aí encontrar os dialogismos entre as personagens.

## **2. A análise comparada dentro da Literatura comparada**

O ato de comparar é inerente ao pensamento humano e se trata de uma ação que faz parte da história humana, seja nas analogias das ciências naturais seja na corrente linguística do século XIX. Entretanto, a comparação utilizada no sentido literário é encontrada em obras desde 1598, com Francis Meres, como afirma Carvalho (2006, p. 8).

Por conseguinte, com os estudos de Mikhail Bakhtin acerca da linguagem humana e da interação social, o conceito de comparação foi se formando sobre a capacidade de um discurso ser preenchido com outros discursos, discursos esses que foram ditos anteriormente por outros.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

E, assim, a comparação baseada nos pensamentos bakhtinianos propõe que, por ser um ser social, o homem interage com outras enunciações esperando “influenciar” os receptores dessas enunciações, e dessa forma, o receptor cria um enunciado como correspondência aquilo que foi dito.

Dessa forma, surgem os dialogismos provenientes das interações sociais, ou seja, os enunciados próprios e novos que são reflexos de outros enunciados, como afirma Schmidt:

[...] outros enunciados e discursos, sendo permeado por diversas vozes alheias - as vozes constituídas pelos outros e dos quais nos servimos como novos temas/discursos. (SCHMIDT, 2015, p. 3)

Posto isso, a análise comparada é a forma de analisar obras de diferentes autores, e até mesmo de um mesmo autor, com perspectivas e temáticas diferentes, e encontrar pontos semelhantes onde as obras dialoguem.

Contudo, não se deve limitar à comparação entre obras literárias, mas sim, ampliar as linhas de pesquisa visando a melhor compreensão das formas de expressão humana, como afirma Carvalhal:

Os estudos interdisciplinares em literatura comparada instigam a uma ampliação dos campos de pesquisa e à aquisição de competências. (CARVALHAL, 2006, p. 69)

Essas relações interdisciplinares, como coloca a autora supracitada, são formas de ampliar “os pontos de interesse e as formas de ‘pôr em relação’, características da literatura comparada” (*Idibidem*).

Essa forma de comparativismo foi primeiramente trabalhada por Calvin S. Brown, com seu trabalho pioneiro das relações entre música e literatura. Nessa perspectiva comparativista, a Literatura Comparada não seria o fim da análise, mas o meio que interligaria os pontos análogos seja entre obras literárias, seja entre a literatura e outras formas de expressão.

Dessa forma, a análise comparada dentro da Literatura Comparada encerra em si essa vertente de ampliação das linhas de pesquisas, unindo formas diferentes de se expressar, procurando entre elas semelhanças que se comuniquem, e que não sejam elementos intertextuais e transtextuais, nem plágios.

Portanto, a análise comparada é questionar textos diferentes almejando encontrar neles pontos congruentes. Sobre isso, Carvalhal explica que analisar é esse ato de interrogação dos textos em suas interações:

[É a] forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística (CARVALHAL, 2006, p. 68-9)

### **3. O fantástico e o gótico na construção dos sentidos**

As personagens (objetos de estudo) que serão apresentadas pormenorizadamente no decorrer deste artigo possuem características muito claras do goticismo, características essas que serão iluminadas, apresentadas e confrontadas a posteriori.

Não obstante, é importante pontuar que para adentrar no estudo da literatura gótica é preciso que se tenha o entendimento de que esta é uma vertente da literatura fantástica e que, por sua vez, é mais do que necessário conhecer acerca do fantástico literário, de modo a compreender com maior clareza todas as nuances que envolvem o estudo aqui proposto.

#### **3.1. A literatura fantástica**

Um dos maiores expoentes do estudo concernente à literatura fantástica é Tzvetan Todorov que no seu livro intitulado *Introdução à literatura fantástica* assenta que o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento supostamente sobrenatural (1975, p. 16). Além disso, Todorov (Ibidem) conceitua o fantástico como a relação ao real e ao imaginário.

À luz desses apontamentos inferidos pelo autor, é possível estabelecer que o fantástico é uma relação dicotômica entre o que é real e o que é fruto da imaginação e sob o enfoque, na maioria das vezes, do sobrenatural. Peixoto destaca ainda que “o fantástico, por meio de momentos insólitos, surreais, nos tira da zona de conforto. Ou seja, o leitor fica incomodado e disperso” (PEIXOTO, 2014, p. 2) enfatizando, assim, o efeito que é causado em que lê algo relativo à literatura fantástica.

Na obra citada anteriormente, com o fito de apresentar ao leitor uma melhor definição, Todorov discorre por vários parágrafos acerca do fantástico e, também, objetivando evidenciar como a fantasia é utilizada por diversos autores e com distintos fitos. É nesse contexto que ele co-

menta acerca de H. P. Lovecraft e a utilização do fantástico objetivando o medo:

Outra atitude para situar o fantástico, muito mais difundida entre os teóricos, consiste em se localizar-se do ponto de vista do leitor: não o leitor implícito ao texto, a não ser o leitor real. Tomaremos como representante desta tendência ao H. P. Lovecraft, autor de relatos fantásticos que consagrou uma obra teórica ao sobrenatural na literatura. Para Lovecraft o critério do fantástico não se situa na obra a não ser na experiência particular do leitor, e esta experiência deve ser o medo. (TODOROV, 1975, p. 20)

O autor divide ainda a literatura fantástica em quatro distintos tipos, sendo estes extraño puro (estranho-puro), fantástico-extraño (fantástico-estranho), fantástico-maravilloso (fantástico-maravilhoso) e maravilloso-puro (maravilhoso-puro). Essa divisão facilita o entendimento e a compreensão dos níveis presentes dentro do gênero de literatura aqui abordada.

Tendo sob os olhos o conto “Solfieri” e a obra televisiva “Amor-teamo” e confrontando-as com as divisões feitas pelo autor supracitado, é possível notabilizar que as duas obras pertencem ao grupo estranho puro, conforme descreve o autor:

Nas obras que pertencem a este gênero, relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos [...] (TODAROV, 1975, p. 53)

Do estranho puro é que surge a vertente gótica que, de acordo com Mellot em como um dos aspectos principais o fato de que “serviu como instrumento para o questionamento de determinados padrões, a estética de tal literatura, e até o próprio fazer literário, tomaram formatos peculiares” (MELLO, 2008, p. 19).

### **3.2. A vertente gótica**

De dentro do fantástico surge, então, o goticismo, na Inglaterra, em pleno século XVII. Sobre o gótico é relevante tomar nota do que pontua a autora Karin Volobuef:

O romance gótico, ou *gothic novel*, move-se em princípio no elemento fantasmagórico, criando o efeito de terror pela ambientação em lugares lúgubres e solitários, como castelos sombrios, cemitérios abandonados, passagens secretas e masmorras. Seus recursos técnicos são o mistério e o suspense, e seu enredo está centrado na oposição entre inocência e perversidade, na luta entre o Bem e o Mal. (VOLOBUEF, 2005, p. 129)

Com a definição de Volobuef é possível observar o gótico com uma compreensão mais clara no que tange às suas características e definição. Desse modo, é possível observar que os aspectos apresentados pela autora podem ser encontrados tanto em “Solfieri” quanto em “Amorteamo”, conforme será abordado pormenorizadamente neste artigo. É preciso, ainda, tomar nota de que, apesar da influência europeia gótica ser muito forte no Brasil, muitas outras características próprias foram sendo acrescentadas a esse gênero quando ele passou a ser produzido por escritores brasileiros.

Sobre a produção gótica no Brasil, Helder Brinate Castro (2018, p. 52) escreve que ela se manifesta apresentando o legado fantasmagórico e violento de uma sociedade alicerçada no sistema rural e escravocrata, constituindo, assim, o que é denominado de *Brazilian Gothic*. E é nesse cenário social e literário, descritos por Castro, que vai sendo construído o gótico brasileiro, cujas características encontradas no objeto de pesquisa serão elencadas e confrontadas por meio da literatura comparada.

#### **4. *Solfieri: Um italiano gótico de Noite na Taverna***

Em pleno século XIX, o escritor ultrarromântico Manuel Antônio Álvares de Azevedo chocou grande parte do país com a publicação de um livro intitulado “Noite na Taverna” em que ele apresenta cinco personagens masculinos os quais possuíam não só os nomes cheios de referências francesas, italianas e alemãs, mas muitas outras características europeias. Tais personagens se encontram em uma noite de bebedeira em uma taverna e passam a relatar vários casos horripilantes.

O livro supracitado se trata de uma coletânea de contos e esses são intitulados com o nome de cada uma das personagens, as quais contam os seus casos. O segundo conto, nomeado “Solfieri”, que é o objeto de estudo deste artigo, contém a narração da personagem de mesmo nome em que ele descreve (em primeira pessoa) uma história que se passa nas ruas de Roma e que é regada a doses de Goticismo.

Sobre a personagem aqui analisada é importante pontuar algumas de suas características, sendo elas as seguintes: Solfieri é pertencente à alta burguesia romana, passeava pela “cidade do fanatismo e da perdição” (AZEVEDO, 1998, p. 4) à noite quando avista uma mulher pálida, embebido pelos devaneios causados pela febre, acorda na manhã seguin-

te sozinho no cemitério. Encanta-se, logo, por aquele olhar entre cruzes e palidez.

Era *bon vivant*, como ele mesmo se acusa: “Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Barbara” (AZEVEDO, 1998, p. 4). Nesse relato é possível notabilizar que Solfieri continua a não encontrar aquele olhar que tanto queria se saciar, assim, vivendo por um tempo, de orgia e bebedeiras noturnas.

A partir disso, ele inicia seus atos necrófilos e assombrosos, visto que ao sair à noite e entrar em uma igreja, avistou um caixão entreaberto, o qual ele mesmo abriu e retirou de dentro aquela que chamava de “anjo do cemitério”. Ou seja, a personagem rouba para si um “pseudo-defunto” e ali mesmo sacia seus desejos mais insanos, “Preguei-lhe mil beijos nos lábios. (...) O gozo foi fervoroso—cevei em perdição aquela vigília.” (AZEVEDO, 1998, p. 5).

Contudo, a que era tida por morta se reanima e a personagem se vê em uma situação atípica, levar aquela moça a seu quarto para que não fosse encontrado com ela e, além disso, sair da Igreja com ela e agir como se não fosse um roubo de cadáver. Após chegar em casa, com seus amigos advindos de uma orgia, coloca a mulher pálida em seu quarto, onde passa dois dias sofrendo uma febre que a leva a morte.

A partir disso, podem-se depreender algumas características da personagem Solfieri:

- Ultrarromântico vagando pelas noites de Roma
- Fascinado pelas chamadas “virgens pálidas” (característica comum em histórias ultrarromânticas)
- Transgressor da morte
- Necrófilo

Dessarte, é válido observar pontos narrativos com traços característicos do gótico, fazendo sempre o uso das palavras voltadas para a noite, o escuro. Além disso, há uma constante chuva no ambiente que se passa em um cemitério, alternando com a igreja. Ademais, tem-se ainda a presença de caixão entreaberto, visões, morte e ambiente sombrio que corroboram para que o leitor seja imergido em uma realidade fúnebre.

**5. Gabriel: Um gótico do interior de Recife em “Amorteamo”**

Ambientada em uma Recife antiga, assombrosa, gótica e cheia de amor, a minissérie “Amorteamo” tem como uma das personagens principais da história Gabriel, filho de Arlinda, fruto de uma traição, gerado momentos antes da morte de seu pai, Chico. Gabriel cresce sendo criado por sua mãe como filho de Aragão, esposo de Arlinda, adolece sem saber de sua origem e vive sempre em meio às brincadeiras com sua amiga Lena, filha da ama de leite com Aragão.

Lançado às paixões, diversões e orgias dentro da cidade, vê-se impedido de concretizar o amor que sente por Lena. Não podendo, pois, assumir seu amor, sai com os amigos pelas ruas recifenses procurando saciar seus desejos por meio da bebida.

Em determinado momento, ele ameaça morrer a não poder se unir à Lena. Dessa situação, se pode observar que há um culto à morte, uma ação que confronta a morte sem medo do que há de vir. Gabriel, nessa ocasião, ainda pontua que a morte é certa para todos e que não tem como escapar de suas agarras, tornando mais clara e evidente a sua postura diante da morte.

Além disso, em razão da doença de sua mãe, ele se vê em uma situação onde deve escolher por uma paixão a qual não tem interesse, casar-se com a filha do judeu, a Malvina B. Camargo, com o fito de, por meio do matrimônio tornar-se rico e ajudar Arlinda. Malvina, por sua vez, desde muito pequena possui uma postura de culto à morte, visto que essa acha que sua mãe não está viva. Constantemente ela diz a seu pai que sente o beijo, o hálito de brisa fria de sua mãe.

Essa relação ultrapassa os medos que comumente se tem da morte, pois é incansável as vezes que ou Malvina comenta de sua mãe ou do desejo pela morte, ou Gabriel comenta das situações no cemitério. Contudo, é nesse relacionamento que entra a pessoa de Lena, que não aceitando o fato de não poder assumir seu amor por Gabriel, decide dar um rumo em sua vida no dia do casamento de Gabriel e Malvina.

Depois de descobrirem que podem sim ficar juntos, Gabriel e Lena assumem o namoro, deixando Malvina abandonada no altar. Essa que logo após saber do fato, se lança da ponte, cometendo um suicídio. Gabriel, ao saber desse fato, resolve ir atrás de Malvina, retirando-a de sua cova. Nesse momento, os mortos ressurgem de seu sono para voltarem à cidade. A partir disso, atos necrófilos entre outras personagens aconte-



cem, e até mesmo Gabriel inicia, na intenção da dívida com Malvina, uma relação com a morta.

Nesse entremeio, Lena se encontra com Gabriel na tentativa de ambos resolverem a situação juntos, mas Gabriel declara que prefere ir sozinho, afirmando ser amaldiçoado. Além disso, Gabriel e Malvina decidem selar o casamento na igreja, mas o padre foge da igreja, pois estava espantado por ver Malvina viva.

A partir disso, pode-se elencar alguns pontos da personagem Gabriel:

- Culto excessivo à morte desde a infância;
- Fruto de uma traição, morte e sofrimento;
- Negrófilo;
- Amante do sofrimento;
- Lançado aos desejos carnavais.

Ademais, é importante ressaltar o ambiente onde se passa a trama. Ambientada em um espaço fúnebre e lutuoso, Gabriel ora está no cemitério, ora está nas ruas escuras da cidade. Além disso, por muito tempo, sua mãe passa a vida no sótão pouco iluminado e cheio de desconfortos. Enquanto Malvina vive em sua casa rodeada de velas e fotos da sua mãe que supostamente está falecida. Outrossim, durante a volta dos mortos a cidade, o ambiente fica cada vez mais fúnebre, cercada de ruas escuras, trovões constantes e assassinatos.

## **6. O gótico em Gabriel e Solfieri**

A partir dos conceitos sobre dialogismos e comparação dentro da Literatura comparada, da teoria e características do Gótico e das observações realizadas a respeito das personagens, é possível estabelecer os traços congruentes encontrados nas narrações, nos ambientes e, assim, nas figuras dramáticas.

### **6.1. Espaço**

Inicialmente, observar-se-á a evidenciação lutuosa e despidorada do espaço onde as narrativas se constroem. No conto azevediano a cidade

de Roma é caracterizada como um lugar sacro e ao mesmo tempo blasfemo, como a cidade “do fanatismo e da perdição”. Nessa cidade, o ambiente é ainda definido como sombrio e solitário, ao ponto de muitas vezes Solfieri se encontrar sozinho e no escuro da noite.

Em “Amorteamento” o ambiente se faz tenebroso, já que se passa em uma Recife do século XX com céus escuros e nublados, mesmo durante o dia, e chuvas torrenciais a todo tempo. Além disso, é válido notar o bordel e o bar como espaços de construção da história, lugares que demonstram o lado das paixões humanas e seus vícios.

Além desse espaço, há o cemitério, que no conto, compõe um cenário astroso e lutuoso, onde Solfieri consegue acompanhar aquela moça pálida que tinha visto pela janela. É nesse lugar que essa mesma moça lamentosamente soluçava ajoelhada enquanto “as aves da noite” passeavam ao redor dela.

Na minissérie, cenas como a conversa entre Malvina e Gabriel sobre a morte, os lamentos de Arlinda diante da lápide de seu amante, e os mortos voltando à vida após Gabriel abrir a cova se passam dentro do cemitério. Nesse lugar, em ambas as narrações, a paixão e o medo são envolvidas como se fossem uma só.

Por fim, tem-se a igreja como o lugar sacro, porém utilizado para a profanação e necrofilia. No conto, Solfieri reencontra na igreja aquele amor da noite que está dentro de um caixão. Além disso, ignorando completamente o lugar onde estava, ele se deixa levar pelos sentimentos e paixão que tinha pela moça.

Por sua vez, a igreja tem função singular na história de Gabriel e Malvina. Primeiramente, é o lugar que remete à morte, pois ao ser abandonada no altar, Malvina sai da igreja e comete o suicídio. Depois de ressurgir dos mortos, Malvina e Gabriel tentam contrair o matrimônio, contudo, não ocorre, pois era algo contra a natureza.

## **6.2. A necrofilia como ponto em comum**

Uma das características em que as duas obras mais conversam é no que diz respeito aos relacionamentos necrófilos. As duas personagens aqui discutidas vivem chocantes relacionamentos com pessoas já mortas, cada um de uma forma singular, porém, nas duas situações é possível

notabilizar o que Volobuef (2005) destaca acerca da escrita azevediana ao pontuar que:

Álvares de Azevedo explora exclusivamente o lado sórdido do ser humano, sua face demoníaca. Os personagens puros e desprovidos de maldade vão, sob a influência dos maus, ou decair para o mundo dos vícios e crimes, ou resvalar para o abismo da morte. (VOLOBUEF, 2005, p. 128)

Nesse sentido, é possível observar tais características tanto em “Solfieri” quanto em “Amorteamo”.

Na obra televisiva, Gabriel, ao ser noticiado sobre a morte de Malvina, se sente movido pelo sentimento de culpa e desenterra aquela que havia sido sua noiva e que, após ser abandonada na igreja, atira-se da ponte cometendo um suicídio. Com esta ação, o protagonista transgrede a morte e Malvina “acorda” inexplicavelmente, evocando para a história, mais uma vez, o tom gótico.

Na obra literária, Solfieri, largado à uma vida boêmia em busca do melhor desfrute dos prazeres carnais, se vê em um velório dentro de uma igreja. Ao aproximar-se do caixão entreaberto – conotação lutuosa e fúnebre, características do goticismo – percebe que ali está encerrado o corpo daquela que havia sido sua amada. O narrador-personagem tem então uma relação sexual com a defunta dentro da igreja – justaposição entre sagrado e profano que também são características da literatura gótica – e rouba o corpo o qual, segundo relato do narrador, parece despertar e volta à vida.

Nas duas situações o leitor e telespectador é apresentado a duas mulheres que, apesar de mortas, parecem voltar à vida. Há a possibilidade, talvez, de que seja estratégia para que o crime praticado pelo protagonista da minissérie e o crime realizado pelo narrador do conto tenham à sua “culpa suavizada” perante aquele que lê ou assiste a história. Não obstante, apesar de distintas as motivações para as atitudes tomadas, é possível observar como a história dos dois conversa e como elas tendem aos elementos fantásticos.

### **6.3. *Culto excessivo à morte***

Em Solfieri e em Gabriel se pode ver uma veneração à morte, uma constante relação com o exício sem nenhuma expressão de medo, reprensão ou estranhamento.

Solfieri possui um contato frequente com a moça pálida, nem mesmo quando ele estava no cemitério à sós demonstrou medo em estar ali. Ou quando relata que aquela mulher ficou por dois dias e duas noites em delírio em seu próprio quarto e não demonstrou nenhum ressentimento em tê-la nessa situação.

Outrossim, muitas vezes em sua infância, Gabriel passeava pelo cemitério expressando não ter medo da morte nem do lugar. Além disso, Gabriel volta ao cemitério para desenterrar Malvina como forma de expressão de ressentimento, e nem mesmo quando a vê ressurgida dos mortos expressa medo. Assim, como também o faz Solfieri: “Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria (...)” (p. 6)

#### **6.4. O sagrado e o profano**

Nas duas obras é possível observar leituras da dualidade entre o sagrado e o profano. Gabriel representa a profanação no matrimônio, ele que é fruto de uma relação extraconjugal e representa o homem gerado no pecado. Solfieri, por sua vez, representa o homem europeu entregue aos vícios e aos prazeres carnavais. Ambos marcados por atitudes que denotam o profano.

A personagem azevediana encerra em si, como citado nos parágrafos anteriores, o homem que, sendo cidadão de Roma, a qual possui no seu centro a cidade-estado do Vaticano, opta por viver uma vida que contraria as práticas religiosas. Solfieri pratica o ato sacrílego e criminoso de ter uma relação sexual com uma jovem morta dentro da igreja. Já a personagem televisiva tem fama de “garoto-problema” e é conhecido pelos moradores da pacata cidade como alguém que não possui responsabilidade. Enquanto as demais personagens caminham à igreja, Gabriel opta por ir ao cemitério, revelando, assim, sua postura alheia aos assuntos religiosos e sacros.

Tanto Solfieri quanto Gabriel estão imersos em realidades que evocam os desejos e as práticas relacionadas às inspirações carnavais, apesar de estarem inseridos em ambientes que evocam as práticas e os desejos sagrados. Assim como Aluísio Azevedo, os diretores de “Amorteamo” foram muito assertivos ao inserir a dualidade antitética do sacro e do profano expressos por meio das ambientações das histórias. É válido

pontuar que esse diálogo entre o bem e o mal exteriorizam no ambiente aquilo que está interiorizado nos protagonistas.

### **6.5. Ultrarromantismo**

A corrente ultrarromântica brasileira é claramente representada pelo seu maior e mais lembrado expoente, Álvares de Azevedo, com suas obras cercadas do gótico, apresentando atmosferas mórbidas da época. Além disso, pode-se contemplar a forte influência do significado que o termo “mal do século” possui, que é uma falta de esperança e uma fragmentação daquilo que era normal. Nesse contexto, Wanderley (2010) comenta que o ultrarromantismo:

Trata-se de uma fratura sobressalente ao contexto do Romantismo idealista já assimilado essencialmente pelas produções filosóficas e críticas do período; cujo norte estará presentificado na esperança (espoir) e no sublime, enquanto o mal *dusiècle* é sinal de fragmentação do ideal, fissura aberta e sem fundo, para a apatia, o desespero (desespoir) e o nihilismo, em geral, ligados às disforias melancólicas literárias. (WANDERLEY, 2010, p. 232)

Ou seja, segundo o autor, o mal do século apresenta ao leitor um romantismo melancólico, como uma ferida aberta. O romantismo se apresenta agora como um desesperado e, por que não, sem respostas e sem saída? E é nessa leitura pesada e lutuosa que “Noite na Taverna” está inserida. O protagonista do primeiro conto narra para os companheiros de bebida a sua experiência mais absurda e, desse modo, insere aquele que o lê em uma experiência com o romantismo de cemitério, termo pelo qual ficou conhecido o ultrarromantismo.

Dessarte, mesmo não sendo uma obra televisiva da época ultrarromântica, “Amorteamo” possui traços do gótico com elementos sombrios e pesados em seus discursos. Além disso, apresenta uma realidade disfórica. Assim, Gabriel pode ser considerado um ultrarromântico de seu tempo como o foi Solfieri, visto que assumia uma vida fora do sublime, circundada pela morbidade da cidade.

Ademais, Gabriel contempla todos os pré-requisitos para ser ultrarromântico, é capaz de se relacionar com a morte, o desespero diante das situações e ao mesmo tempo de não se importar com o que há de vir, como se pode observar em sua fala e a forma como se expressa diante de Lena e seus amigos à beira da ponte, em suas longas conversas com o

coveiro do cemitério, no cultivo de uma postura lutuosa, nas suas vestes marcadas por tons escuros.

#### **6.6. Duas vidas regadas à vícios boêmios**

Não precisa pensar muito para analisar qual era o intento dos diretores ao colocar em uma cidade pequena uma Igreja e um bordel, quase como vizinhos, além de uma taberna. Em “Amorteamento”, Gabriel poderia muito bem ter optado por viver os valores sacros da época, mas ele decide livremente viver uma vida regada à vícios boêmios e o faz como quem passa direto pela Igreja e adentra em um bordel. Os vícios carnisais do filho de Arlinda, aludem não só aos vícios de seu pai, Chico, aquele que era o amante, mas aludem a um estilo de vida que quer se libertar das regras e dos costumes morais.

Outrossim, em *Solfieri*, o qual não se é possível saber do paradeiro de sua família, supõe-se que pertencia à alta sociedade, tomando como julgo os seus relatos com mulheres da alta sociedade, além dos grandes casarões e espaços de arquitetura fina em que ele descreve.

O narrador-personagem do primeiro conto de “Noite na taverna” não fica aquém no que concerne aos vícios carnisais. Com relatos que vão desde orgias e perpassam por noites de bebedeira, Azevedo constrói um *bon vivant* entregue à luxúria de forma indiscriminada. As duas personagens, em suas singularidades, possuem mais este ponto em comum, e é, também, por conta de seus vícios que os conflitos surgem nas duas histórias.

#### **7. Considerações finais**

No presente artigo foi percorrido acerca de duas obras de diferentes épocas e formatos. Uma se trata de uma obra literária e a outra de uma obra televisiva, não obstante, a partir da análise comparada, é possível contrapor seus pontos em comum e observar as características do gótico dentro das duas obras. Por meio da abordagem aqui apresentada infere-se a legitimidade do estudo proposto, bem como a eficácia em se confrontar um hipotexto A a um hipotexto B, mesmo sendo um deles uma obra televisiva.

No decorrer do estudo aqui empreendido, foi possível observar como se dá o estudo da análise comparada, bem como a sua capacidade

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

em tornar visível as semelhanças e/ou diferenças de distintas obras. Assim, foi exequível estabelecer os pontos congruentes entre as obras e observá-las, por conseguinte, à luz da literatura gótica.

Nessa tocante, o estudo da literatura gótica, que é uma vertente da literatura fantástica, conforme citado anteriormente no corpo do artigo, confere à essa pesquisa uma maior compreensão das características desse gênero textual, bem como, as suas referências europeias, as quais são muito marcadas nas duas personagens aqui estudadas.

À luz do goticismo literário, encontra-se também particularidades semelhantes ao romantismo em sua segunda geração, intitulada de mal do século. E é a esta escola literária que a obra azevediana está inserida, por outro lado, a obra televisiva, produzida em 2015, apesar de não ser propriamente dita pertencente ao ultrarromantismo, encerra em si diversas características da geração supracitada.

Por meio dessas comparações e estudos foi possível elencar uma série de fatores que podem ser identificados na literatura de vertente gótica e na caracterização de Gabriel e de Solfieri, a saber: traços do ultrarromantismo, a dualidade entre o sagrado e o profano, o estilo de vida boêmia, a caracterização do espaço em que estão inseridos, a loucura e a necrofilia, entre outros traços que servem para aproximar as duas personagens.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Álvares de. Noite na taverna. Ministério da Cultura. FundaçãoBiblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. 31p.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CASTRO, Hélder Brinate. O gótico na literatura brasileira: O caso da ficção regionalista. *Revista Fantástica* 451, v. 1, 2018

PEIXOTO, Mara José. Sangue, morte e orgia: A manifestação do gótico nos contos “Solfieri” e “Bertram”, de Manuel Antônio Álvares de Azevedo. *Cercomp*, Goiás: UFG, 2014.

SCHMIDT, Cristiane. Dialogismo entre os Irmãos Grimm e Chico Buarque: revisitando narrativas infantis clássicas. *Revista Línguas & Letras*, v. 16, UNIOESTE, 2015.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. de Maria Clara Correia Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VOLOBUEF, Karin. Álvares de Azevedo e a ambigüidade da orgia. *Organon*. v. 19, n. 38-39, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30064/18649>. Acesso em: 28 nov. 2020.

WANDERLEY, André de Sena. *Visões do Ultrarromantismo: melancolia literária e modo ultrarromântico*. Recife: UFP, 2010.

Outra fonte

AMORTEAMO. Flávia Lacerda. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2015. 45 min.